

NICOLINI, A. Resenha do livro *Prosódia*, de Plínio A. Barbosa. ReVEL, v. 24, n. 47, 2026. [www.revel.inf.br].

Resenha do livro *Prosódia*, de Plínio A. Barbosa

Book review of Prosody, by Plínio A. Barbosa

Alessandra Nicolini¹

alessandraumdois@gmail.com

Publicado em 2019 pela Parábola Editorial e contando com um total de 133 páginas, *Prosódia*, de Plínio A. Barbosa, integra a coleção *Linguística para o ensino superior*, destinada a estudantes que visam construir um panorama introdutório das disciplinas linguísticas amplo e sólido. Nessa empreitada, o conjunto de publicações sobre diversas abordagens teóricas contribui para a divulgação do conhecimento em linguística não somente entre doutos, mas também entre a população em geral, em um projeto de democratização dos estudos linguísticos no Brasil. É nessa esteira que se insere o livro introdutório de Barbosa, organizado em sete capítulos que sintetizam de forma bastante didática as pesquisas teóricas do campo e, também, uma trajetória de mais de 25 anos do autor em projetos de pesquisa, ensino e extensão sobre prosódia.

Na “Introdução”, que se oferece como o primeiro capítulo da obra em tela, o leitor é, inicialmente, apresentado ao conceito de *prosódia* e à sua origem grega para, mais tarde, ser introduzido aos correlatos físicos e perceptivos da prosódia, bem como à breve apresentação de dois *softwares* para o estudo do sinal de fala com fins prosódicos, quais sejam: Praat e WinPitch. Esse primeiro capítulo é iniciado com a reflexão de que a prosódia seria “[...] um modo intrínseco de expressão do ‘modo’ de

¹ Doutoranda em Estudos da Linguagem pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

falar de uma comunidade” (Barbosa, 2019, p. 19), interpretação que o autor aproxima da acepção corrente na fonética e que tem origem no livro *República*, de Platão, para se referir à forma como algo é dito, em oposição ao conteúdo do enunciado. Nesse sentido, “o estudo da prosódia não considera diretamente o conteúdo segmental, ou o ‘que se diz’, e sim a forma sonora e sua função ligadas ao ‘como se diz’” (Barbosa, 2019, p. 20). Para isso, a análise prosódica ocorre em *eixo sintagmático*, tratando da relação entre elementos presentes no trecho falado, e em *eixo paradigmático*, abordando a relação entre trechos em contraste de enunciados diferentes. Dada essa exposição, Barbosa apresenta exemplos do português brasileiro em análises prosódicas sintagmática e paradigmática, destacando, nesse movimento, as noções de *proeminência* e *segmentação*.

Ainda na “Introdução”, antes de passar aos correlatos físicos e perceptivos da prosódia, o professor define que esses correlatos são “[...] variáveis de um determinado nível que se relacionam ou variam conjuntamente com variáveis de outro nível” (Barbosa, 2019, p. 21). No caso dos correlatos físicos, são as medidas obtidas a partir do enunciado, chamadas de *parâmetros prosódicos* ou *prosódico-acústicos*: a frequência fundamental, a duração e a intensidade, aos quais pode somar-se a qualidade de voz. Na obra em questão, a frequência fundamental, a qual corresponde ao número de vezes em que as pregas vocais oscilam em um segundo, é demonstrada em gráficos de escala logarítmica baseadas no semitom, com comentários do estudioso sobre a importância das notações matemáticas e exemplos concretos de como analisar cada um desses gráficos para chegar a conclusões de ordem prosódica. O mesmo procedimento é operado por Barbosa para demonstrar como ler informações de duração e intensidade nos estudos da prosódia, em um esforço por didatização que se consolida até mesmo para aqueles que estão começando os estudos na área. Na sequência, o autor apresenta brevemente os correlatos perceptivos da prosódia: o *pitch*, a duração percebida e o volume (*loudness*), aos quais também se acrescenta a qualidade de voz percebida, noções teóricas que são aproximadas por Barbosa das percepções do falante comum, não iniciado nos estudos linguísticos.

Já no segundo capítulo, intitulado “Unidades prosódicas”, há a apresentação das unidades nas quais se manifestam acusticamente as modificações articulatórias que constituem a prosódia, quais sejam: a sílaba, o pé, a palavra fonológica ou prosódica, o grupo acentual (*stress group*), o sintagma entoacional (*intonational phrase*) e o enunciado (entoacional). Nesse ponto, Barbosa resume que “a sílaba é a unidade básica da fala, pois vogais e consoantes não ocorrem isoladamente” (Barbosa, 2019, p. 37). Além disso, o autor chama a atenção para o fato de que, sendo todas as línguas do mundo constituídas por vogais e consoantes, há uma espécie de sílaba “modelo”, denominada *sílaba canônica*, a CV (consoante-vogal). A esse respeito, o autor elenca quatro interessantes argumentos que permitem afirmar a preferência das línguas por essa estrutura, os quais merecem especial destaque:

- não há língua que não tenha sílabas CV e, para algumas, esta é a estrutura silábica mais frequente, como nas línguas românicas, com cerca de 50% de sílabas CV;
- sílabas CV são adquiridas em primeiro lugar durante a aquisição da linguagem. Pense em “papá”, “dadá”;
- sílabas CV são preservadas mesmo nas mais severas formas de afasia motora;
- processos diacrônicos de reestruturação silábica no curso de evolução de uma língua tendem a criar sílabas CV. (Barbosa, 2019, p. 38).

Assim, a sílaba é a unidade prosódica básica e, em se tratando de sílaba fonológica, pode ser composta por um ataque e uma rima, sendo esta última subdividida em núcleo e coda, quando for o caso. Ao ser pronunciada, a sílaba fonológica se realiza como sílaba fonética na cadeia da fala. Para todas essas noções teóricas, além de definições de fácil entendimento, Barbosa apresenta exemplos do português brasileiro, menções a outras línguas e esquemas que auxiliam na elucidação das questões problematizadas ao leitor. Ainda a respeito das demais línguas referidas pelo autor, encontra-se o japonês, que tem a mora como unidade fundamental da prosódia, a qual se configura como a menor unidade de tempo ou de peso da sílaba, sendo menor ou igual a uma sílaba inteira. Assim sendo, em japonês, uma palavra pode ter três sílabas, mas quatro moras, por exemplo, tendo em vista a possibilidade de alongamento de uma sílaba em dois tempos. Tal explicação sobre a definição de mora, no entanto, não se encontra na obra de Barbosa, o que constitui

uma lacuna relevante que pode prejudicar o entendimento imediato do leitor quando da leitura do capítulo em questão, ainda que um aprofundamento a seu respeito esteja disponível no *hotsite*² da editora.

Ao abordar o pé, o autor define tratar-se de “[...] uma unidade que associa uma sílaba forte a uma ou mais sílabas fracas” (Barbosa, 2019, p. 41), bastante cara aos estudos de versificação. Os pés mais comuns são os binários iambo (sílaba fraca/sílaba forte) e troqueu (sílaba forte/sílaba fraca), mas também há pés ternários, como o dátilo (forte/fraca/fraca), o anapesto (fraca/fraca/forte) e o anfíbraco (fraca/forte/fraca). Acima da sílaba, encontra-se a palavra fonológica ou prosódica, “[...] o máximo agrupamento que contém uma única sílaba portadora de acento primário e as sílabas átonas a ela associadas” (Barbosa, 2019, p. 43). No nível acima desse, está o grupo acentual, relacionado ao agrupamento de uma ou mais palavras fonológicas. Imediatamente acima dele, identifica-se o sintagma entoacional, também referido na literatura especializada como unidade entoacional ou sintagma fonológico, definido pelos movimentos da frequência fundamental. Por fim, no nível mais acima, a maior unidade prosódica é o enunciado entoacional, definido por critérios pragmáticos como ligado a um ato de fala completo. A esse respeito, o manual de Barbosa carece de explicações mais aprofundadas sobre quais seriam tais critérios. Além disso, dada a apresentação que o autor faz dos constituintes prosódicos, o leitor é levado a compreender que a hierarquia prosódica é unânime na área, a qual teria a concordância de todos os autores. No entanto, isso não corresponde à realidade dos estudos em prosódia, uma vez que a hierarquia pode variar a depender do modelo adotado. Um exemplo disso é a divergência de dois modelos amplamente difundidos, um proposto por Selkirk (1984) e outro por Nespor e Vogel (1986). Enquanto o modelo de Nespor e Vogel traz um constituinte prosódico chamado grupo clítico, definido em linhas gerais como o agrupamento de uma palavra lexical *mais* palavras funcionais que a cercam, o modelo de Selkirk não

² Ao longo de toda a obra, há sugestões de acesso ao *hotsite* da editora como recurso de aprofundamento das questões que são levantadas pelo autor ao longo dos capítulos. Logo, o leitor tem à sua disposição explicações e exemplos que ultrapassam as páginas do livro físico.

reconhece esse nível³. Tais nuances da discussão, entretanto, não são abordadas por Barbosa, que também não delimita a qual fonte se filia ao assumir a hierarquia de constituintes prosódicos anteriormente mencionada.

Em “O ritmo da fala”, terceiro capítulo de seu livro introdutório, Barbosa salienta que o ritmo da fala pode ser definido pela combinação de duas percepções: a de regularidade silábica (identidade) e a de alternância de sílabas fortes e fracas (novidade). Para discutir o ritmo da fala, o autor tece um paralelo com as artes musical e literária, analisando, para isso, versos de Guilherme de Almeida. A seguir, aborda as línguas de ritmo silábico, nas quais todas as sílabas parecem ter a mesma regularidade, como o português brasileiro, e as de ritmo acentual, nas quais as sílabas fortes são percebidas como regulares, independentemente do número de sílabas fracas entre o seu total, como o português europeu. Há, ainda, as línguas de ritmo moraico, como o já mencionado japonês, que têm a mora como unidade básica da constituição do ritmo da fala. Para empreender análises dessas línguas, o estudioso da área deve estar a par das funções rítmicas de segmentação e de proeminência, sendo que a primeira diz respeito à capacidade de reconhecer unidades constitutivas da fala e a segunda, à sensação de destaque de uma unidade linguística em relação a outras de mesmo tamanho no contexto imediato. Outros fatores relativos ao ritmo da fala, sobre o quão rápida ou lentamente o falante produz seus enunciados, referem-se à taxa de elocução e de articulação, matéria do item seguinte do capítulo, que antecede os comentários sobre procedimentos experimentais da pesquisa sobre ritmo da fala. O capítulo em questão é encerrado com elementos para o estudo experimental da percepção da prosódia da fala, discorrendo sobre dois tipos de teste: o de discriminação, que examina as diferenças perceptivas, e o de identificação ou classificação, que permite discernir se o ouvinte é capaz de identificar um estímulo dentro de um conjunto fechado ou aberto de possibilidades.

Já no quarto capítulo, “Entoação da fala”, assume-se como objetos de estudo o tom de fronteira e o acento de *pitch*, elementos básicos que organizam a entoação da fala, definida como “[...] a organização na cadeia da fala de padrões de variação de

³ Nas duas entrevistas publicadas neste volume, há mais detalhes sobre essas propostas. Além disso, o livro de Bisol (2001) traz uma apresentação bastante acessível do campo da prosódia e discute rapidamente a divergência mencionada acima como exemplo.

graves e agudos ao longo dos enunciados” (Barbosa, 2019, p. 67). Assim, “os tons de fronteira contribuem para segmentar a cadeia da fala em enunciados e sintagmas entoacionais [...]”, ao passo que “os acentos de *pitch* desempenham a função básica de proeminência de uma palavra ou palavra fonológica” (Barbosa, 2019, p. 67). Associados, o tom de fronteira e o acento de *pitch* contribuem para assinalar atitudes, expressões de afeto e distinções ilocucionárias, por exemplo. Tal como no fim do capítulo anterior, este é encerrado com uma contribuição generosa ao estudante que não ambiciona apenas reunir noções teóricas sobre prosódia, mas que também busca, neste manual, insumos para iniciar suas pesquisas na área: a última seção debruça-se sobre procedimentos experimentais da pesquisa sobre entoação da fala. Há, portanto, a sugestão de como obter *corpora* para os estudos prosódicos, considerando foco contrastivo e a segmentação prosódica na fala lida e na não lida. O autor elucida como proceder em situações de entrevista, mas também em estudos prosódicos de narrativas. Ainda que não detalhe os pormenores de como realizar cada um desses estudos, dada a natureza do manual, os comentários de Barbosa servem de inspiração àqueles que pensam em traçar o início de uma trajetória de investigação científica em prosódia.

O quinto capítulo, intitulado “A prosódia da fala e suas interfaces”, é um dos mais longos e se consagra, também, como um dos mais interessantes do livro de Barbosa. Nele, o autor investiga as relações da prosódia com outros seis domínios, quais sejam: a sintaxe, o significado, o discurso, o processamento, a expressividade e o indivíduo. Ademais, o autor avalia as consequências do déficit da prosódia com base em lesões encefálicas na seção que versa sobre a disprosódia. Assim, o leitor é convocado a refletir sobre o tema mobilizando conhecimentos de disciplinas que não se restringem à fonética ou à fonologia, compreendendo fenômenos linguísticos de forma mais ampla e relacionando-os a estruturas sintáticas e à semântica, por exemplo.

No que concerne à interface entre prosódia e sintaxe, Barbosa reitera que a questão mais relevante diz respeito à não congruência entre ambas, tema ainda discutido na literatura especializada, mas cuja complexidade não é tratada pelo autor. Para ele, é fato que as fronteiras principais entre os constituintes prosódicos e os

sintáticos não são as mesmas. Para exemplificá-lo, o autor vale-se do seguinte enunciado: “Maria canta divinamente bem”, constituído por um sintagma nominal (“Maria”) e um sintagma verbal (“canta divinamente bem”). Na prosódia, no entanto, a ramificação que se dá é a seguinte: “[Maria canta] [divinamente bem]”, o que se justifica pela busca por equilíbrio entre grupos acentuais de extensão semelhante (“Maria canta” tem 5 sílabas e “divinamente bem” tem 6 sílabas). Diante do fato linguístico, o autor elucida: “Essa tendência à regularidade dos grupos acentuais é uma propriedade prosódica que impõe uma fronteira principal distinta da proposta pela divisão sintática” (Barbosa, 2019, p. 82). Logo, a estrutura sintática da sentença tem de ser recuperada pelo ouvinte não pelas pistas prosódicas, senão por seu conhecimento prévio sobre a sintaxe do português brasileiro. Disso decorre que, por um lado, a prosódia guia a interpretação da estrutura sintática nos casos de congruência com a sintaxe e, por outro lado, ela também é autônoma em relação à sintaxe em decorrência de sua subordinação a princípios rítmicos. Ainda, não raro, é a prosódia que permite a dissolução de ambiguidades nos enunciados em um processo chamado de *desambiguação*. É o caso do seguinte exemplo fornecido por Barbosa (2019, p. 82): [A ovelha de raça]/[brasileira] e [A ovelha]/[de raça brasileira], em que o sinal “/” marca uma fronteira não terminal forte entre os constituintes. Nas palavras do autor, “no primeiro caso, se trata de uma ovelha de raça não informada nascida no Brasil e, no segundo caso, de uma ovelha que é de raça desenvolvida no Brasil” (Barbosa, 2019, p. 82). Assim, os constituintes prosódicos são os responsáveis por permitir a escansão mais adequada da estrutura sintática da sentença, de modo que a prosódia dissolve a ambiguidade das duas interpretações possíveis.

Ao abordar as relações entre prosódia e significado, convocando à discussão a semântica, Barbosa assinala os casos em que a mesma sequência de palavras conta com diferentes funções ilocucionárias, como na asserção “João fez isso” e na interrogação direta “João fez isso?”. “As distintas interpretações marcadas pela prosódia assinalam duas ilocuições diferentes e, portanto, atos de fala distintos, diferentes significações” (Barbosa, 2019, p. 85). Nesse exemplo, a diferença prosódica se dá pela variação da frequência fundamental. Na sequência, ao tratar das demais

interfaces da prosódia com outros domínios, Barbosa mobiliza insumos da análise conversacional e dos estudos formais de estrutura do discurso, estudos em psicologia experimental sobre afetos com foco na expressividade, a relação entre características prosódicas distintas entre os indivíduos na análise forense e o estudo do processamento neuronal para a produção e a percepção da prosódia para compreender o fenômeno de disprosódia. Sobre esse tópico, o autor esclarece:

O termo disprosódia refere-se às consequências, para a prosódia, de problemas no controle e/ou na execução dos sistemas responsáveis pela produção da fala: respiratório, laríngeo e supralaríngeo, bem como a problemas relacionados à percepção da prosódia. (Barbosa, 2019, p. 93).

Já no sexto capítulo, “Teorias e modelos”, o professor aborda as teorias prosódicas pautadas em princípios biológicos, os modelos de geração da melodia da fala e os modelos de geração da duração e do ritmo da fala. Ele circunscreve seu trabalho ao âmbito fonético, abdicando, dessa forma, da apresentação de modelos fonológicos, e resume o que entende por *teoria* e *modelo*:

Por teoria, entendemos um conjunto de asserções testáveis sobre variáveis observadas e, por modelo, um modo de gerar valores a partir dessas variáveis. Assim, uma teoria sobre o ritmo da fala propõe explicar como as durações silábicas seriam produzidas e percebidas num determinado contexto comunicacional. (Barbosa, 2019, p. 109).

As teorias prosódicas pautadas em princípios biológicos, experimentalmente fundamentadas, sugerem que a produção e a percepção da prosódia precedem a produção e a percepção dos segmentos na esfera comunicativa. Curiosamente, essas teorias comprovaram que a prosódia da língua materna é reconhecida pelo ouvinte desde o primeiro momento do nascimento, sugerindo a aquisição da prosódia durante o período intrauterino, desde a 26^a semana de gestação, quando o sistema auditivo se encontra em desenvolvimento.

O capítulo é encerrado com uma crítica às limitações dos modelos computacionais de reconhecimento da fala e com a exposição da teoria motora de percepção da fala, que considera que o falante recupera os movimentos dos articuladores que tornaram a variação acústica possível para interpretar a prosódia,

integrando elementos sonoros e visuais da enunciação, os quais trabalhariam no mesmo espaço de coordenadas, isto é, como movimento de articulador. Contudo, Barbosa assinala: “Nenhuma das teorias integra de forma transparente a prosódia da fala, a não ser de forma geral [...]” (Barbosa, 2019, p. 117). Assim, teorias generalistas ou holísticas assumem a percepção da prosódia como uma espécie de forma ou molde para a decodificação de afetos, atitudes e outros aspectos expressivos. Seu objetivo é fornecer uma maneira de compreender a entoação e o ritmo da fala, bem como seus respectivos componentes, como princípios organizadores da fala, o que fornece ferramentas para que o leitor pense em aplicações da prosódia desde a linguística forense até o ensino de língua adicional.

Por fim, no sétimo capítulo, “Para saber mais”, como o próprio título sugere, Barbosa recomenda leituras relevantes para aprofundar os conhecimentos acerca da prosódia da fala relacionados a cada um dos capítulos anteriores, oferecendo, assim, um convite ao leitor que visa especializar-se no campo após a leitura deste manual primoroso e didático que não peca pela simplificação de uma discussão teórica densa.

Referências

- BARBOSA, Plínio. A. *Prosódia*. São Paulo: Parábola, 2019.
- BISOL, Leda. (Org.) *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 3. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.
- NESPOR, Marina; VOGEL, Irene. *Prosodic phonology*. Dordrecht: Foris Publications, 1986.
- SELKIRK, Elisabeth. *Phonology and syntax: the relation between sound and structure*. Cambridge: MIT Press, 1984.